

Observe que utilizamos o termo “adequadamente” e não “corretamente”. Existe uma diferença sutil entre as duas palavras. Sugerimos que você pesquise o sentido de ambas para descobrir o que significa “expressar-se adequadamente”.

acadêmicas. Também os jovens costumam usar novas expressões, de maneira cifrada, formando grupos que se identificam pela linguagem. A linguagem pode demonstrar ainda características de grupos sociais, de acordo com o momento histórico e a região geográfica em que vivem ou viveram.

A importância da linguagem no mundo profissional

A linguagem também desempenha papel essencial nas atividades profissionais. Um profissional pode dominar o conhecimento técnico de que precisa, mas se não souber como se expressar **adequadamente** não conseguirá relacionar-se com colegas, clientes e fornecedores. A capacidade de se expressar adequadamente determina quem é esse profissional, o seu valor e a sua capacidade de trabalho. É por meio da linguagem que ele conseguirá formar-se continuamente, na escola e na vida.

Desde o momento em que ingressa no mundo do trabalho, o profissional tem de demonstrar conhecimento das várias formas de linguagem oral e escrita, fator que pesa cada vez mais decisivamente na hora da seleção para as vagas de emprego.

O leque de habilidades que se requer hoje dos profissionais, mesmo em início de carreira, é muito mais amplo, e para exercê-las é pré-requisito o uso adequado das linguagens. É por isso que vamos discutir neste livro as diversas maneiras de se expressar e se comunicar em um ambiente de trabalho competitivo, que passou a considerar o conhecimento da linguagem, em suas variadas formas, não só um diferencial, mas um requisito básico.

Destacamos que, como acontece com as demais disciplinas dos cursos técnicos oferecidos pelo Centro Paula Souza, há uma série de competências relacionadas a Linguagem, Trabalho e Tecnologia importantes para a formação profissional.

Como surgiu o papel

A palavra “papel” origina-se do latim *papyrus* (papiro). Há evidências de que, por volta do século VI a.C., os chineses começaram a fazer um papel de seda branco, próprio para a pintura e a escrita. Essa fabricação pode ser rastreada até o ano 105 d.C., quando Ts'ai Lun, integrante da corte da China Imperial, criou uma folha de papel a partir de uma pasta feita com casca de amoreira e outras fibras vegetais, redes de pesca, restos de roupas e cânhamo. Em seu lento percurso rumo ao Ocidente, a produção do papel chegou à Ásia Central em 751 d.C. e, em 793 d.C., o papel foi produzido pela primeira vez em Bagdá, durante a era de ouro da cultura islâmica, que levou a arte de fabricá-lo até as fronteiras da Europa. Por volta do século XIV já existiam várias fábricas de

papel na Europa, especialmente na Espanha, Itália, França e Alemanha. A invenção da imprensa, em 1448, resultou em grande aumento na demanda. Como até o século XVIII seu processo de produção permaneceu inalterado, utilizando roupas velhas de linho e algodão, as fábricas se viam constantemente às voltas com a falta dessa matéria-prima. No ano de 1800 foi publicado um livro que fez deslanchar os métodos para a produção de papel a partir de polpa de madeira (celulose). Gradualmente, foram desenvolvidos vários outros importantes processos de produção a partir de polpa vegetal que liberaram a indústria de papel da dependência dos trapos de algodão e linho, tornando possível a moderna produção em larga escala.

Capítulo I

O estudo da linguagem

- As várias linguagens
- O texto e o contexto
- Múltiplas linguagens
- Gêneros de discurso
- A construção dos sentidos

1.1 As várias linguagens

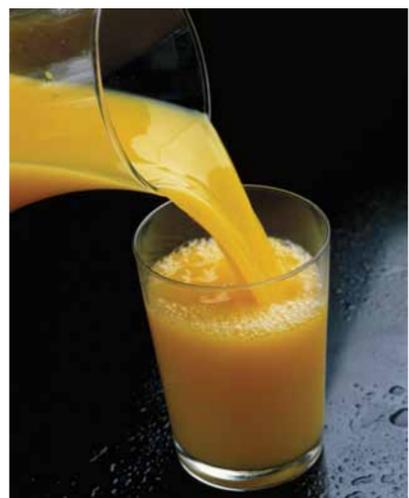
A linguagem funciona. Essa afirmação parece até se referir a uma máquina, mas, de fato, a linguagem tem um funcionamento e a finalidade de sua produção é a comunicação. Para iniciar nosso estudo sobre o funcionamento da linguagem, é preciso pensar “como” e “do que” ela é formada. Para isso, propomos o seguinte exercício:

Observe as figuras 1.1, 1.2 e 1.3 e anote em seu caderno palavras que as descrevam. Tenha em mente as ideias que elas sugerem e os sentimentos que despertam de forma geral ou para você.

Compare as palavras que você escreveu com as escritas pelos outros alunos do curso. Aparecem palavras iguais? Caso apareçam, são muitas ou poucas? Procure explicar por que surgiram palavras iguais ou diferentes para as imagens.

Depois da comparação, reflita e registre em seu caderno: quais elementos da imagem fizeram que você escolhesse essas palavras?

Figura 1.1



© PIXTAL/IMAGEPLUS/GLOWIMAGES

© DANIEL CYMBALISTA/IMPULSAR IMAGENS



Figura 1.2

© IMAGEPLUS



Figura 1.3

Muitas vezes, entendemos como linguagem apenas a linguagem verbal (Ver quadro *O significado de “verbal”*), seja ela falada, seja escrita. Entretanto, como você pôde perceber na atividade anterior, a fala e a escrita não são nossos únicos meios de comunicação. Há várias outras linguagens que podemos classificar como não verbais.

O significado de “verbal”

O termo “verbal” é derivado, etimologicamente, da palavra *verbum*, que vem do latim e significa “palavra”. Como as palavras também se modificam, para soar melhor e designar outras coisas, com o passar do tempo a palavra latina foi se alterando tanto na fonética (em seu som) quanto na semântica (em seu sentido, ou significado). Com isso, *verbum* se transformou em *verbu* e virou “verbo” em português, termo que designa tanto palavra, discurso, expressão como uma das classes gramaticais. Na teologia judaico-cristã há também a referência ao verbo, como a palavra divina, no texto da *Bíblia*, no Evangelho de João, capítulo 1, versículo 14: “No princípio era o Verbo (...) e o Verbo se fez carne e habitou entre nós (...)”.

Observe os grupos de imagens nas figuras 1.4 a 1.9. O que elas sugerem? Quais são as características de cada grupo? Registre suas impressões e, depois, compare-as com as dos outros alunos da sala.

Figura 1.4



Figura 1.5

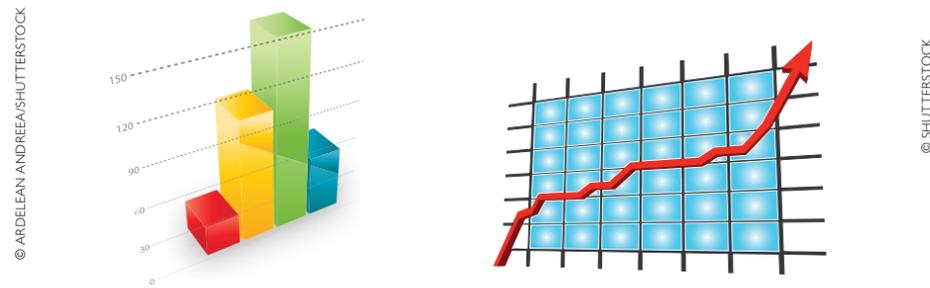


Figura 1.6



Figura 1.7



Figura 1.8



Figura 1.9



Com o uso cada vez mais intenso da linguagem audiovisual, muitas práticas cotidianas alteraram-se. Procure observar como isso aconteceu na profissão que você escolheu.

Todas as imagens que acabamos de ver são textos não verbais: não contêm palavras escritas ou faladas, mas produzem sentido, ou seja, dizem alguma coisa (vamos falar mais sobre a produção de sentidos na seção 1.5 A construção dos sentidos).

Nas relações contemporâneas, a linguagem não verbal tem importância cada vez maior. Isso se deve, principalmente, ao desenvolvimento dos meios de comunicação audiovisual, em especial da linguagem virtual, aquela utilizada nos meios eletrônicos, como a internet.

A imagem faz sentido

Observe a sequência de imagens da figura 1.10.

Precisamos de palavras diante das imagens apresentadas na figura 1.11?

Você diria que a imagem da figura 1.12 fala? O quê?

E o que os sinais e as imagens da figura 1.13 dizem?

Textos escritos, portanto, não constituem nossa única fonte de informação. A comunicação pode ser feita de diversas formas: com imagens, sons, palavras, sinais. Imagens e sinais também produzem sentido e, portanto, comunicam da mesma maneira que as palavras, escritas ou faladas, como podemos ver na figura 1.14.

Figura 1.10



Figura 1.11



Figura 1.12



Figura 1.13



Figura 1.14



1.2 O texto e o contexto

Um texto pode estar contido em uma única frase, em uma única palavra e, se pensarmos que a linguagem não se resume à linguagem verbal, podemos ainda considerar que ele está presente em uma imagem (figura 1.15).

Figura 1.15



PROPOSTA DE ATIVIDADE

O que você acha que é um texto? Pense em características, linguagem, exemplos e, por fim, em uma definição para texto. Depois, discuta com seus colegas de classe para chegar a uma definição.

A linguagem também compõe obras maiores, formadas por orações e parágrafos: em relatórios, cartas, requerimentos, crônicas, reportagens jornalísticas, romances, livros científicos, teses, monografias etc.

Para compreender um texto é preciso conhecer suas características e as relações que ele estabelece. As palavras não produzem sentido por si próprias. Os sentidos não estão colados na linguagem, nos textos. Uma série de relações é feita para que possamos interpretá-los. Essas relações são feitas a partir do que chamamos “contexto”. O contexto pode ser entendido como a situação comunicativa em

Figura 1.16



Figura 1.17

que o texto foi produzido: local, época, situação histórica, social, política, estética, ideológica etc. Exemplos em que podemos observar melhor essas relações que produzem o sentido são as charges.

Para entender melhor, observe as charges nas figuras 1.16 e 1.17. Tente descobrir as relações que inspiraram a criação delas. Em que contexto histórico-social elas se inserem?

O conjunto das diversas relações históricas e sociais que podemos fazer diante de cada elemento de linguagem é que permite a produção do sentido. Dependendo do contexto em que um texto é interpretado, os sentidos podem ser bastante diferentes. Vamos tomar como exemplo a cor vermelha. Veja as imagens da figura 1.18 e descreva o contexto que cada uma sugere, pensando na relação delas com os sentidos da cor vermelha.

Figura 1.18



Os contextos são determinantes para que a cor vermelha produza o sentido desejado nas imagens que acabamos de ver. O mesmo acontece com outros textos, sejam eles verbais, sejam não verbais.

Para pensar no contexto, podemos elaborar algumas perguntas que nos ajudem a descrevê-lo, como: Sobre o que se fala? Como se fala? Quando? Onde? Por quê? Para quem se fala? Essas perguntas não devem ser feitas apenas por quem interpreta, mas também por quem escreve um texto.

1.3 Múltiplas linguagens

Uma mesma linguagem pode comunicar diferentes sentidos, dependendo das condições nas quais os textos são produzidos ou lidos. Uma determinada informação também pode ser relatada por meio de linguagens diversas, que podem fazer diferença no sentido que produzem.

A linguagem, portanto, varia. Suas variantes devem estar adequadas à imagem que se quer construir do locutor e à situação de enunciação. Os adolescentes, por exemplo, usam uma forma para se comunicar. Médicos utilizam outra, diferente da praticada pelos advogados, especialistas em informática, caminhoneiros, professores etc. (Ver quadro *Empréstimos linguísticos e estrangeirismos*).

Entretanto, o modo de falar de uma pessoa não é determinado só pela profissão que ela exerce. Vamos considerar duas situações:

1. Um técnico em eletrotécnica fala sobre os riscos da eletricidade para os funcionários responsáveis pela manutenção da rede de energia elétrica.
2. O mesmo técnico em eletrotécnica fala sobre os mesmos riscos para um grupo de adolescentes em uma escola.

Pense nas diferentes características do contexto em que esse técnico vai se colocar nas situações 1 e 2. Em seguida, descreva a forma de linguagem mais

apropriada para cada um dos contextos. Observe que os interlocutores são bastante diferentes. Não se esqueça de compartilhar os resultados com seus colegas.

O importante na comunicação é observar quais palavras devemos usar para que haja compreensão do que se deseja transmitir em determinado contexto. É como o código da roupa: terno e *smoking* denotam maior formalidade, enquanto camiseta e *short* são sinônimos de vestuário menos formal. Dificilmente as roupas apropriadas a um contexto são usadas em outros – ninguém vai a uma entrevista de emprego vestindo *short*, nem à praia de terno.

Com a linguagem não é diferente. Ela deve adequar-se ao contexto a que se destina. Ela torna-se inadequada quando, por exemplo, a língua padrão é empregada numa situação informal ou quando a gíria é utilizada em um contexto formal (Ver quadro *Variada socialmente privilegiada*).

Veja a diferença entre estas conversas:

Pedro e um amigo:

- E aí, cara?
- Falô...
- Tá indo onde, tipo rangá?
- Nada, mano. Pra city pegá uns baguios pra minha veia.
- Então tá, falô, tô notra, barriga duendo de fome.
- Falô, vou nessa...

Pedro e seu chefe:

- Bom dia, Pedro.
- Bom dia, chefe.
- Para onde você vai? Almoçar?
- Não, senhor, vou até a cidade buscar umas encomendas para minha mãe.
- Ah! Entendi. Vou ficar e almoçar, estou com fome.
- Está certo. Vou para a cidade. Até a tarde!

Empréstimos linguísticos e estrangeirismos

Típicos das linguagens profissionais, os empréstimos linguísticos e estrangeirismos estão presentes na Língua Portuguesa e em outros idiomas. Alguns profissionais ou grupos de pessoas, pelo uso constante de termos específicos de sua profissão, costumam usar esse vocabulário em seu dia a dia e assim ele vai aos poucos se incorporando à linguagem de outros grupos (empréstimos da linguagem técnica para a língua comum). Em outros casos, pela dificuldade de encontrar um termo para traduzir um conceito de outra língua (ou mesmo pela inexistência

desse termo na Língua Portuguesa), o vocábulo estrangeiro é simplesmente incorporado ao nosso idioma ou é aportuguesado e, pelo uso constante, passa a ser o mais adequado, integrando, desse modo, o nosso vocabulário. Exemplos: *mouse*, deletar, escanear, resetar etc. (empréstimo de palavras e/ou termos de outras línguas, conhecido como estrangeirismo). Esses estrangeirismos podem ou não ser adequados, conforme o contexto. Por exemplo, há empresas que não só adotam o uso de estrangeirismos como também o valorizam, estimulando a repetição de termos como *stand by*, resetar, restartar, printar, entre outros, a todo instante. No entanto, há outras que os veem como vício de linguagem e não aceitam o seu uso indiscriminado.

Como você viu, o entendimento foi perfeito entre os interlocutores nas duas situações porque a linguagem entre eles estava adequada ao contexto. Leia a tira reproduzida na figura 1.19 e perceba a relação entre o contexto e a linguagem utilizada pela menina.

Uma variação da linguagem que costumamos reconhecer com facilidade é aquela determinada pela região (variantes ou falares regionais). A variante comumente falada pelos caipiras, por exemplo, é apresentada nas tiras do personagem Chico Bento, de Mauricio de Sousa, como vemos na figura 1.20.



Figura 1.19

Exemplo de utilização de linguagem inadequada ao contexto.

Variedade socialmente privilegiada

Além de “língua” e “norma padrão”, alguns linguistas usam o termo “variedade socialmente privilegiada” para referir-se à linguagem que é valorizada pela sociedade em contextos de formalidade.

O objetivo dessa nomenclatura é indicar que essa variação da linguagem é aquela reconhecida como adequada para contextos formais, como em textos jurídicos. Ela é padronizada por dicionários e por gramáticas conhecidas como normativas ou tradicionais.

Além da norma padrão, existem vários outros tipos ou variedades da linguagem. Essas variações não ocorrem somente na Língua Portuguesa. De forma geral, no dia a dia os falantes usam o que chamamos de “variante popular”, principalmente na linguagem oral, mas que também tem seu lugar nos bate-papos da internet e nos bilhetes, por exemplo. Também o conhecido “internetês” pode ser considerado uma variação linguística, entre várias outras.

Desse modo, a norma padrão é apenas uma referência – ninguém se expressa usando-a o tempo todo. Há situações em que utilizá-la pode ser até inadequado. Ela não é a única variante correta e por ela não se pode determinar o valor da pessoa. Isso significa que ninguém pode ser discriminado por falar dessa ou daquela forma, apesar de essa igualdade nem sempre ser reconhecida, sobretudo nos contextos profissionais, exatamente pela valorização social da norma padrão.



© JAY FREIS/GETTY IMAGES



Figura 1.20

Chico Bento, personagem que utiliza a variante de linguagem caipira.

Espaço, tempo, cultura e contexto determinam a variação linguística. Para nosso estudo, o importante é sabermos que a adequação à situação de comunicação é sempre fundamental para qualquer profissional, assim como o conhecimento da norma padrão, por ser esta a variante utilizada na escrita, valorizada socialmente e que confere, portanto, maior valor ao profissional.

Para conhecer a norma padrão, é importante o estudo das normas descritas pela **gramática normativa**, aquela estudada nas escolas.

Existem também outros tipos de gramática, como a descritiva, que descreve as regras da língua usada em diversos contextos.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Numa pesquisa realizada por um sindicato, P. O., trabalhador rural de 19 anos que todos os dias cuida de roças de arroz e milho, declarou: “Aqui ninguém ganha salário, é ‘de meia’. A gente planta e colhe. Metade fica pro dono da terra e metade pra gente”.

Você percebeu que P. O. usou a expressão “de meia” e explicou o que ela significa. Provavelmente achou que o entrevistador não a conhecesse. Imagine um contexto no qual essa expressão tenha um sentido diferente. Compartilhe essa situação imaginada com seus colegas e compare com as situações imaginadas por eles para a mesma expressão.

1.4 Gêneros de discurso

Diferentes textos podem ser criados com base em um mesmo assunto. No quadro *Um mesmo tema em diferentes contextos*, você encontrará sete **excertos** diferentes sobre um único tema. É um bom exercício para se entender o conceito.

Excerto: trecho de um texto.

Um mesmo tema em diferentes contextos

Leia os textos e imagine o contexto em que cada um deles deve ter sido produzido. Descreva também as características de cada linguagem.

1. E eis que eu descobria que, apesar de compacta, ela é formada de cascas e cascas pardas, finas como as de uma cebola, como se cada uma pudesse ser levantada pela unha e no entanto sempre aparecer mais uma casca, e mais uma. (...)

Ela era arruivada. E toda cheia de cílios. Os cílios seriam talvez as múltiplas pernas. Os fios da antena estavam agora quietos, fiapos secos e empoeirados.

A barata não tem nariz. Olhei-a, com aquela sua boca e seus olhos: parecia uma mulata à morte. Mas os olhos eram radiosos e negros. Olhos de noiva. Cada olho em si mesmo parecia uma barata. O olho franjado, escuro, vivo e desempoeirado. E o outro olho igual. Duas baratas incrustadas na barata, e cada olho reproduzia a barata inteira.

2. Era uma vez uma linda Baratinha. Gostava de tudo muito limpo e arrumado.

Um belo dia, Dona Baratinha varria o jardim de sua casa quando encontrou uma moedinha. Ficou muito feliz! Rapidamente, tomou um banho, colocou um vestidinho bem bonito, uma fita no cabelo e ficou na janela da sala de sua casa cantando assim: “Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha? (...)”

3. ba.ra.ta sf epiceno – Inseto onívoro, de corpo achatado e oval e antenas compridas.

4. Arrase Inseticida é um poderoso exterminador de insetos especialmente desenvolvido para combater pulgas, baratas e formigas. É excelente no combate às baratas germânicas. Após aplicação, o ambiente estará livre também dos demais insetos.

5. (...) Cientistas (...) encontraram o maior fóssil completo de uma barata. O fóssil de 300 milhões de anos é tão completo que a equipe da Universidade do Estado de Ohio pôde perceber as nervuras de suas asas e as protuberâncias de seu corpo. O inseto, *Arthropleura pustulatus*, com cerca de 8,9 centímetros, viveu durante o período Carbonífero, quando Ohio era um grande pântano tropical, disse Cary Easterday, uma estudante de graduação que ajudou no estudo (...)

6. Vou fazer um PS básico sobre ontem. Eu estava linda e maravilhosa indo dormir, quando fui tirar o acolchoado de cima da cama adivinhe quem estava me esperando??? Sim!!! Uma barata horrível!!! Ai que nooojooo!!! Ela já estava morta (fizemos dedetização na minha casa há pouco tempo...), mas mesmo assim é terrível... em vez de um cara gato tá me esperando na cama me aparece uma barata... ninguém merece... como eu odeio barata, morro de MEDO!!! Meu lindo vovô foi tirar ela da minha caminha linda e eu, lógico, troquei a roupa de cama, afinal não ia dormir no leito de morte de uma barata nojenta... Eu sei que isso pode parecer ridículo, mas eu assumo: morro de medo delas... Valeu! Precisava contar isso...

7. Encontrei uma barata na cozinha
Eu olhei pra ela, ela olhou pra mim
Ofereci a ela um pedaço de pudim
O curioso foi que ela
Ela disse sim, vem cá ficar comigo
Sim! Gosta de tudo que eu gosto
Sim! Vem cá ficar comigo
Sim! Vem, Kafka...



© MEMO ANGELES/SHUTTERSOTCK



© MEMO ANGELES/SHUTTERSOTCK

(ATIVIDADE DIDÁTICA DESENVOLVIDA PELA PROFESSORA CAROLINA A. DIAS EM 2009).

A formatação compreende a organização visual do texto, incluindo a estrutura em que é apresentado e as características tipológicas

Você deve ter percebido que o conteúdo dos textos do quadro *Um mesmo tema em diferentes contextos* varia, apesar de o assunto ser o mesmo: barata. Entretanto, mais do que o conteúdo, a linguagem de cada um é bastante diferente, o que faz que os consideremos gêneros textuais distintos. Esses gêneros textuais adaptam-se também a contextos diferentes. Eles têm vocabulário, estrutura e **formatação** próprios.

1.5 A construção dos sentidos

Analisando as relações entre língua e contexto, percebemos que uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos. Por exemplo: “descascar um abacaxi” é retirar a casca da fruta e, também, “resolver um problema complicado”.

Nem todos os sentidos são compreensíveis numa primeira leitura. Algumas interpretações só podem ser feitas com base em relações mais elaboradas. Em certos textos, é preciso entender muito bem o contexto em que a linguagem está sendo utilizada para compreender seu sentido. Isso acontece com anúncios publicitários, charges, cartuns, letras de música etc. Para entendê-los, é preciso relacioná-los a outros textos, a outros contextos.

Figura 1.21

Humor baseado em interpretação inadequada ao contexto.



Créditos das p. 30 e 31:

1. Romance. *A paixão segundo G. H.* Clarice Lispector. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 52.
2. História infantil. *O casamento da D. Baratinha.* São Paulo: Abril Cultural S.A., 1992. (Coleção Taba, n. 36.)
3. Verbetes do *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
4. Linguagem publicitária.
5. Reportagem da *Folha Online*. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/reuters/urt112u7978hml>. Acessado em: 3 maio 2010.
6. Linguagem usada em *blog* de adolescente.
6. Letra de música. Luiz Guilherme; Marcelo Marques; Paulinho Moska. “Uma barata chamada Kafka”. (*Inimigos do Rei*. Inimigos do Rei. São Paulo: CBS, 1989.)

Portanto, para compreender o sentido dos textos é preciso partir de conhecimentos prévios, isto é, de uma circunstância antecedente. Isso porque a interpretação de um texto depende de outros textos ou de outras experiências com a linguagem em nossa vida.

Eddie Sortudo, personagem dos quadrinhos apresentados na figura 1.21, é conhecido por sempre entender um sentido diferente do adequado ao contexto em que está. E nisso consiste o humor dessas tirinhas.

Informações também podem ser expressas de forma implícita. Envolvidas no contexto, não reveladas claramente, ficam subentendidas, sugeridas nas entrelinhas. Para compreendê-las, é necessário estar atento. Por seu poder expressivo e instigante, esse recurso é muito usado em anúncios publicitários, em textos humorísticos, na linguagem dos quadrinhos, em diálogos, na poesia, na letra das músicas, em romances etc. Para perceber este recurso e compreendê-lo, precisamos inferir essas informações do enunciado, isto é, deduzir, concluir a que elas se referem.

Observe a tira da figura 1.22. O que você imagina que Hagar vai dizer no quadrinho final? Que circunstâncias ou trechos do texto o levaram a pensar no desfecho que você previu?

Figura 1.22



Agora vire a página e leia o último quadrinho da historinha acima (figura 1.23). Compare o final concebido pelo autor Dik Browne com o final que você imaginou. Perceba que os finais diferentes modificam o sentido da história.

Figura 1.23



1.5.1 Ambiguidade

Uma mesma expressão pode nos levar a sentidos muito diferentes em um mesmo contexto. Chamamos isso de “ambiguidade da linguagem”. Como vimos até aqui, é possível considerar ambíguos quaisquer linguagens ou textos, já que seu sentido depende sempre de uma relação contextual. Assim, conforme o contexto, o sentido de um mesmo elemento linguístico poderá ser diferente.

Em alguns casos, perceber a ambiguidade é essencial para interpretar um texto, notar uma crítica ou seu humor, por exemplo. Esse é um recurso muito usado na publicidade, em que se observa o uso e até o abuso da linguagem plurissignificante. Isso pode ser observado na figura 1.24.

Apesar de funcionar como recurso da língua, a ambiguidade pode ser um problema para a comunicação, comprometendo, em determinadas ocasiões, o objetivo desejado. Isso é comum, por exemplo, no uso de pronomes possessivos como “seu” e “sua”. Observe a seguir.

A gerente convocou o supervisor para uma reunião em sua sala.

Ambiguidade: a sala é a da gerente ou a do supervisor?

Eliminando a ambiguidade:

A gerente convocou o supervisor para uma reunião na sala dela.

A gerente convocou o supervisor para uma reunião na sala dele.

Figura 1.24

Trocadilhos e jogos de palavras criam a ambiguidade que chama a atenção para a mensagem.



Roberto ensinou o procedimento a Mário no computador dele.

Ambiguidade: o computador é de Roberto ou de Mário?

Eliminando a ambiguidade:

Roberto, em seu computador, ensinou o procedimento a Mário.

Roberto, no computador de Mário, ensinou-lhe o procedimento.

Figura 1.25



As imagens da figura 1.25 mostram bons exemplos de textos com sentido ambíguo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Em grupos pequenos, discutam as diferenças de interpretação e tentem solucionar o problema decorrente das formulações ambíguas abaixo:

- Aquela senhora encontrou o garotinho em seu quarto.
- Sentado na varanda o menino avistou um mendigo.
- O barco chegou ao cais vazio.
- O professor falou com o aluno parado na sala.
- Crianças que se alimentam de leite materno frequentemente são mais saudáveis.
- Homem é preso acusado de terrorismo nos EUA.

1.5.2 Intertextualidade

Leia o texto a seguir e observe depois a imagem da figura 1.26.

(...)

A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor dos bichos moribundos.

– Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

(...)

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. (...)

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 114. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 10.

Figura 1.26

Retirantes, de Cândido Portinari, 1944, painel a óleo/tela, 190 x 180 cm



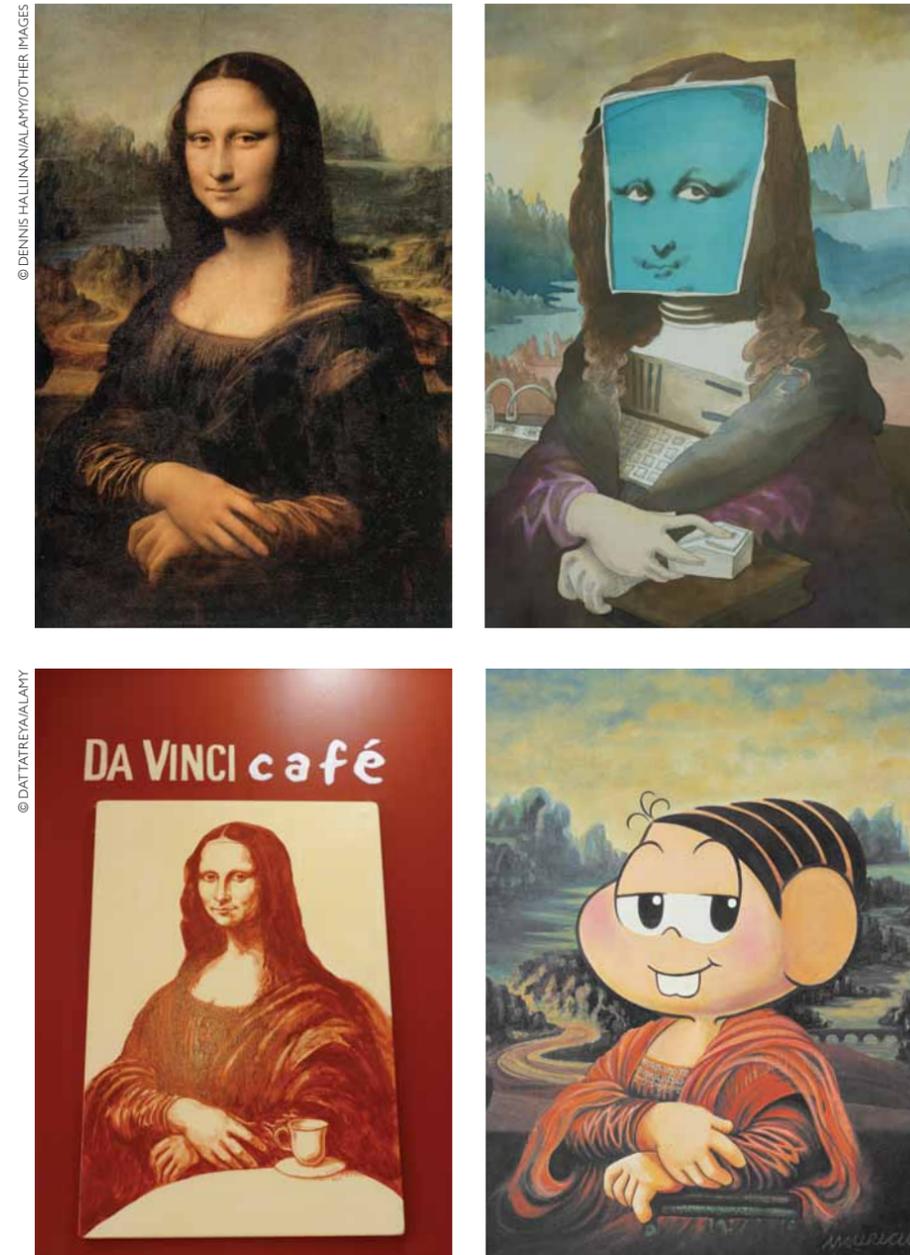
© REPRODUÇÃO AUTORIZADA POR JOÃO CÂNDIDO PORTINARI. IMAGEM DO ACERVO DO PROJETO PORTINARI

Você deve ter percebido que o texto do escritor Graciliano Ramos (1892-1953) e a pintura de Cândido Portinari (1903-1962), na figura 1.26, falam de coisas semelhantes. Elas conversam entre si numa relação intertextual, “um fenômeno constitutivo da produção do sentido que pode se dar entre textos expressos por diferentes linguagens” (SILVA, 2002).

A intertextualidade está presente em diversas manifestações. Outro exemplo pode ser encontrado em obras criadas com base na famosa pintura *Mona Lisa* (1503), de **Leonardo da Vinci**, como podemos ver nas imagens da figura 1.27.

Artista, inventor e cientista que nasceu em 1452, em Florença, Itália, e morreu em 1519, em Roma.

Figura 1.27



© DENNIS HALL/NANJAL AMY/OTHER IMAGES

© CHRIS RASCHKA/GETTY IMAGES

© DATTATREYALAMY

© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES LTDA.

Nos textos a seguir há também uma correspondência. O do escritor Oswald de Andrade (1890-1954) foi criado com base no poema de Casimiro de Abreu (1837-1860). O segundo texto, mesmo sem citar o primeiro, estabelece com ele uma relação intertextual.

Meus oito anos

Oh! Que saudade que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
(...)

ABREU, Casimiro de. *Canções do exílio*. In: SILVEIRA, Souza da. *Obras de Casimiro de Abreu – Apuração e revisão do texto, esboço biográfico, notas e índices*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999. p. 93 (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série).

Meus oito anos

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais
(...)

ANDRADE, Oswald de. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. *Obras completas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 162. (Coleção Vera Cruz. Literatura Brasileira, v. VII).

Leia também um trecho do poema de Adélia Prado e observe como ele remete ao original de Carlos Drummond de Andrade:

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.
(...)

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. p 15-16.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond - www.carlosdrummond.com.br

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
(...)

PRADO, Adélia. *Bagagem*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 9. © by Adélia Prado

Como vimos, intertextualidade é a relação entre textos em que um deles é tido como original e o outro só tem razão de existir por causa do primeiro. A intertextualidade se estabelece com vistas a criar efeitos de humor, crítica, ironia etc.

Nas produções textuais de estudantes e profissionais das áreas técnicas, a intertextualidade também é frequente e fundamental para que sejam desenvolvidos bons trabalhos científicos. Reflita sobre situações em que a intertextualidade pode acontecer na profissão que você escolheu e complete suas observações com as reflexões feitas por seus colegas de classe.

Observe com atenção as imagens da figura 1.28, que reproduzem capas de revistas publicadas, uma em setembro e outra em outubro de 2008. Depois descreva o contexto nos quais essas imagens foram utilizadas e discuta em grupo o sentido que cada uma delas produz.



Figura 1.28

A intertextualidade nas capas das revistas *Veja* e *Carta Capital*.